

Nos dois lados do Atlântico

Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de *Madagascar*

Giovanna Lucente

Independent researcher

Abstract This essay is a comparative study of European (EU) Portuguese and Brazilian (BR) Portuguese in the context of oral, low-monitored language level where the two variants differ the most. The analysis is performed on audiovisual material, specifically the dubbed versions of *Madagascar*, that provide examples of authentic language used by contemporary native speakers. The first section of the article focuses on building a theoretical framework based on the existing studies on children's literature and audiovisual translation with a focus on dubbing. The theoretical introduction and the different strategies used for the localization of the dialogues, allow us to draw hypotheses on diatopical differences of the Portuguese language in Portugal and Brazil. The last section of the article compares EU and BR Portuguese on morphosyntax, lexicon and cultural level, using specific examples taken from the movie *Madagascar*.

Keywords Audiovisual translation. Portuguese. Sociolinguistics. Comparative analysis. Children's literature.

Resumo 1 Introdução. – 2 Traduzir para crianças. – 3 A tradução para a dublagem. – 4 *Madagascar*, entre realidade e ficção linguística. – 4.1 Diferenças morfossintáticas. – 4.2 Diferenças no plano lexical. – 4.3 Diferenças no plano fonológico. – 4.4 Localização: entre a escolha do tradutor e as diferenças culturais. – 5 Conclusões.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é voltado a descobrir e analisar as diferenças entre a língua portuguesa falada no Brasil e a língua portuguesa falada em Portugal. Para conseguir desenvolver essa análise, tentamos associar os estudos relativos à tradução de materiais para crianças com as diferenças diatópicas internas à língua portuguesa, mais especificamente, nas suas variantes portuguesa e brasileira.

Encontrar exemplos de língua autêntica e, possivelmente, oral foi o primeiro passo para conseguir comparar o português europeu e o português brasileiro, esta necessidade nos levou a querer comparar as duas variantes por meio dos produtos audiovisuais.

A escolha do filme *Madagascar* permite uma análise reativa a um tipo de linguagem típica de um registro coloquial não monitorado, e é, exatamente, nesse nível linguístico que se dão as maiores diferenças entre as duas variantes nacionais do português.

2 Traduzir para crianças

A literatura para crianças possui características específicas que determinam algumas diferenças com o processo tradutório que é, geralmente, utilizado na tradução de material para adultos.

Primeiramente, a maior diferença que literatura para crianças estabelece com a literatura para adultos é o seu público. Ela é destinada simultaneamente a dois públicos: o adulto e a criança. A peculiaridade da literatura infantil, que determina algumas das características estruturais da mesma, reside exatamente neste dualismo.

A literatura infantil apresenta, portanto, algumas problemáticas relativas à assimetria da sua estrutura comunicativa: é declaradamente destinada às crianças, mas implicitamente destinada também aos adultos.

Outra peculiaridade da literatura infantil é relativa ao sistema a que ela pertence e à finalidade que ela tem. A emotividade é uma componente essencial na literatura infantil, muito mais importante do que o enredo em si. Descobrir as emoções que a história suscita, as crianças aprendem a reconhecer e lidar com elas. A literatura infantil pertence, portanto, ao mesmo tempo, ao sistema literário e ao sistema educacional e tem como finalidade, para além de entreter e divertir, também de educar (Oittinen 2000).

Traduzir para crianças é um desafio técnico e criativo, que comporta um sentido de responsabilidade para com elas. A literatura é responsável por ensinar às crianças uma porcentagem de palavras que elas não aprendem no meio familiar, o laço que a criança tem com esse grupo de palavras é responsabilidade do autor e do tradutor (Oittinen 2000).

Do ponto de vista técnico, o tradutor de literatura para crianças utiliza, geralmente, uma estratégia *target-text oriented*, que se configura como um método de tradução que tende a facilitar a leitura para o leitor da língua-alvo, adaptando o texto à sua cultura e, de certa forma, guiando o texto até ao leitor com uma tendência à localização do texto (Venuti 1995). É de qualquer forma importante incorporar alguns elementos desconhecidos já que a literatura tem, entre os seus objetivos principais, a necessidade de iniciar as crianças às diferenças, na medida em que esses elementos despertam curiosidade nela, e não representam um obstáculo do ponto de vista cognitivo.

Neste sentido, portanto, ao considerar a tradução como uma recriação do texto, admitimos que os conceitos de traduzir e adaptar são duas faces da mesma moeda. O conceito de fidelidade com os leitores se traduz no ato de adaptar o texto às necessidades do público, especialmente, quando o público é formado por crianças.

3 A tradução para a dublagem

A tradução audiovisual apresenta uma grande diferença face ao processo de tradução para o meio impresso: a sincronia palavra-imagem. O pacto com o público baseia-se exatamente nessa sincronia, elemento primário que confere credibilidade à obra traduzida (Matkivsta 2014).

O processo tradutório do audiovisual, a dublagem especificamente, se distancia do processo de tradução para o meio impresso na medida em que este último é um trabalho de tradução em equipe; o diretor, os atores, o adaptador, e outros profissionais intervêm no texto tendo como foco a sincronia palavra-imagem.

O tradutor dialogista (ou o tradutor e o dialogista, caso sejam duas figuras separadas), com a sua sensibilidade e o seu conhecimento da cultura original e da cultura de chegada, têm a importante responsabilidade de ser o nexo entre a obra original e o espectador final da obra traduzida. O processo de tradução para o audiovisual requer do tradutor uma análise que vai além das palavras dos atores.

Innanzitutto, dovrà analizzare e comprendere il senso dell'intera sceneggiatura, poi chi è il personaggio che parla e perché tra le parole disponibili nella sua lingua ha scelto quelle e non altre, e dovrà farlo tenendo conto che quel personaggio ha una connotazione molto più forte che se fosse descritto in un libro: ha una faccia, un corpo, un abbigliamento, un atteggiamento che possiamo vedere; poco o nulla di lui è lasciato all'immaginazione. (Paolinelli, Di Fortunato 2016, 2)

Em primeiro lugar, ele terá que analisar e compreender o sentido do roteiro no seu conjunto. Depois terá que entender quem é a personagem que fala e por quê entre as palavras disponíveis na sua língua escolheu aquelas e não outras, e terá que considerar isso tendo em conta que aquela personagem tem uma conotação mais forte que aquela que teria se fosse descrito em um livro: tem cara, tem corpo, tem um jeito de vestir e um jeito de ser que nós podemos ver; pouco ou nada dele é deixado à imaginação. (trad. do Autor)

O tradutor dialogista, portanto, tem a missão de recriar uma personagem equivalente na sua língua e para o público da sua cultura fazendo com que ela pense e fale, na língua de tradução, como ele pensa e fala na sua própria língua (Galassi 2000).

O tradutor tem que fazer aderir o seu texto a elementos preexistentes, já que o diálogo que o tradutor cria já possui um rosto, uma expressão, uns gestos, que não são consequência das palavras, mas que já existem no texto visual. A língua da dublagem, portanto, não é espontânea, mas é continuamente monitorada em todas as fases da produção da obra: da tradução, à montagem, até ao ensaio.

Esta língua que não é real, mas que ambiciona a ser verossímil, é chamada de 'dublagês', uma língua artificial, que, muitas vezes, utiliza palavras e expressões que não são comuns na verdadeira língua falada, mas que o espectador reconhece e aceita como língua e expressões próprias do cinema.

Por este motivo, na tradução do audiovisual, perde-se a tradicional dicotomia entre texto original e texto de chegada. Os conceitos de equivalência, fidelidade, aderência ao texto, devem ser reconsiderados e tornar-se conceitos mais dinâmicos e elásticos (Perego 2005).

A dublagem para o público infantil respeita todas as características da dublagem apresentadas até aqui, com uma simplificação. Do ponto de vista técnico, em linha geral, nos desenhos animados, as personagens não articulam bem os movimentos, isso resulta em uma série de aberturas e fechos da boca aproximativos que não requerem um sincronismo específico. Por outras palavras, a adaptação dos desenhos não requer do tradutor uma perfeita correspondência da articulação e do discurso, que representa o elemento principal da tradução para a dublagem.

4 **Madagascar, entre realidade e ficção linguística**

Madagascar é um filme de animação para crianças dirigido por Eric Darnell e Tom McGrath, produzido e distribuído pela estado-unidense Dreamworks Animation.

O filme foi lançado nos Estados Unidos em 27 de maio de 2005 e teve logo um grande sucesso.¹

Foi traduzido para português em duas versões, a versão brasileira com o título de *Madagascar* que foi lançada em 24 de junho de 2005 e a versão portuguesa, *Madagáscar*, lançada em 30 de junho do mesmo ano. Apresentamos na tabela abaixo a ficha técnica relativa às três versões.

Tabela 1 *Madagascar*, ficha técnica

Caraterísticas gerais	86 minutos	Colorido	Animação
	EUA	BR	PT
Estúdio de dublagem		Audio Corp	On Air
Diretor de dublagem		Angela Bonatti	Cláudia Cadima
Tradução		Antônio Palvos	Susana Ramalho
Adaptação		Heloísa Périsséé	Cláudia Cadima
Personagem	Dublado EUA	Dublador BR	Dublador PT
Alex	Ben Stiller	Alexandre Moreno	Pedro Laginha
Marty	Chris Rock	Felipe Grinnan	Rui Oliveira
Melman	David Schwimmer	Ricardo Juarez	Bruno Nogueira
Gloria	Jada Smith	Heloísa Périsséé	Leonor Alcácer
King Julien	Sacha Baron Cohen	(Rei Julien) Guilherme Briggs	(Rei Juliano) Marco d'Almeida
Maurice	Cedric the Entertainer	Marcelo Torreão	(Maurício) Ricardo Araújo Pereira
Mort	Andy Ritcher	Christiano Torreão	(Bart) Peter Michael
Skipper	Tom McGrath	(Capitão) Paulo Vignolo	(Capitão) Tiago Dores
Private	Christopher Knights	(Recruta) Gustavo Veiga	(Soldado) Miguel Góis
Kowalski	Chris Miller	Eduardo Dascar	Zé Diogo Quintela

1 Este trabalho analisa as seguintes versões: *Madagascar*, dirigido por E. Darnell e T. McGrath, Manaus/Santa Maria da Feira, versão brasileira produzida e distribuída por Sony DADC Brasil, versão portuguesa produzida e distribuída por Pris Audio-visuais, 2005, DVD.

A tabela 1 faz uma primeira amostra de algumas escolhas tradutológicas e de localização do texto.

Notamos que os nomes das personagens foram adaptados de maneira mais sistemática na versão portuguesa do que na versão brasileira. A versão brasileira traduz exclusivamente aqueles nomes que representam um obstáculo à compreensão para o espectador de língua portuguesa: Capitão e Recruta. A versão portuguesa adota uma estratégia de localização mais evidente, adaptando todos os nomes, exceto aqueles das quatro personagens principais e Kowalski, que mantém o nome supostamente pelo fato de a sua proveniência geográfica ser uma característica da personagem.

A versão brasileira foi adaptada pelo estúdio de dublagem Audio Corp que tem a sede no Rio de Janeiro. A maioria dos dubladores são oriundos do Rio: a variedade linguística é a carioca. O estúdio que se ocupou da versão portuguesa foi o On Air, com sede em Lisboa e os dubladores são todos lisboetas. As variantes que serão comparadas contrastivamente no nosso trabalho são mais especificamente o português brasileiro carioca e o português europeu lisboeta.

Na tradução de material audiovisual, especialmente no caso do material infantil, que, por motivos relativos ao desenvolvimento cognitivo da criança, precisa sempre ser dublado, utiliza-se uma estratégia de tradução que é aquela da localização do texto audiovisual (Tveit 2009), que consiste em produzir uma tradução autônoma em cada variante linguística nacional de uma mesma língua, adaptando uma grande parte dos elementos à língua-alvo.

Imaginemos, por exemplo, uma criança brasileira vendo *Madagascar* na versão portuguesa: além da dificuldade que ela pode ter em um primeiro momento de descodificação linguística, derivada de uma falta de familiaridade com a variante empregada, ela não reconhecerá as expressões idiomáticas, terá dificuldade em entender a ironia e os trocadilhos linguísticos e eventuais expressões ligadas especificamente à cultura portuguesa. O mesmo pode se dizer para o caso oposto.

A única solução para criar um produto que responda às necessidades linguísticas e culturais das crianças portuguesas e das crianças brasileiras é, portanto, a criação de dois produtos independentes estudados e planejados, especificamente, para satisfazer as expectativas de dois públicos linguística e culturalmente diferentes.

Antes de começarmos a descrever a metodologia adotada para a análise contrastiva da língua utilizada na tradução para a dublagem de *Madagascar* nas duas versões, reputamos importante esclarecer que não tivemos a possibilidade de trabalhar com os roteiros originais já que os estúdios de dublagem não podem transmitir nenhum tipo de material para pessoas terceiras.

A solução que adotamos, portanto, foi aquela de transcrever os diálogos a partir do mesmo filme. Trabalhamos, por consequência, com

os diálogos dos filmes em inglês, em PE e em PB, ou seja, diretamente com os produtos finais. O fato de não termos tido acesso aos roteiros nos permitiu ter acesso a uma língua mais espontânea e mais reveladora da língua realmente utilizada pelos falantes, abandonando parcialmente os limites que o roteiro, enquanto texto escrito, impõe.

Os produtos de referência foram traduzidos do inglês de maneira independente, tendo sido encomendados a estúdios que não estão ligados um ao outro, e por isso serão analisados como produtos autônomos. De qualquer forma, porém, a proveniência de um mesmo texto fonte e os limites espaço-temporais que a tradução do audiovisual impõe ao tradutor nos permitem fazer uma comparação proveitosa.

4.1 Diferenças morfossintáticas

A tradução brasileira e a tradução portuguesa apresentam diferenças que ocorrem de maneira sistemática no plano morfossintático.

Uma das diferenças mais evidentes é a maneira distinta em que o PB e o PE conjugam os verbos. Notamos um distanciamento entre o paradigma verbal que se encontra nas gramáticas tradicionais normativas e o paradigma verbal utilizado nos filmes, apesar disso, sobretudo relativamente ao PB, *Madagascar* incorpora só parcialmente a variação que é própria da fala carioca não monitorada contemporânea.

A reformulação do paradigma verbal, que trataremos aqui, é, indissolúvelmente, ligada a outro fenômeno próprio da variação linguística interna à língua portuguesa, isto é, a reorganização do quadro pronominal dos índices de pessoa com função de sujeito.

Tabela 2 A reconfiguração do paradigma verbal no PE

eu	falo
tu	falas
ele/ela/você/o senhor/a senhora	fala
nós	falamos
vocês/eles/elas	falam

Notamos a eliminação do ‘vós’ da configuração verbal clássica do português, que foi substituído pelo ‘vocês’, mas que conjuga o verbo na terceira pessoa plural e, portanto, deixa de ter morfologia própria e se alinha à morfologia verbal do pronome ‘eles/elas’.

O ‘vós’, de qualquer forma, ainda sobrevive no PE na forma átona de alocutivo com função de complemento indireto, ‘vós’, de complemento oblíquo ‘convosco’, e na forma de adjetivo e pronome possessivo ‘vosso’.

O PE acrescentou também o ‘você’ à terceira pessoa do singular que se configurou como um indicador de formalidade. ‘O senhor’ e ‘a senhora’ são formas de tratamento muito usadas que denotam um nível de formalidade maior do que o ‘você’.

Todos os verbos da tabela 2 apresentam uma desinência morfológica que permite ao falante distinguir uma pessoa verbal de outra, mesmo sem necessidade de especificar o pronome pessoal. Podemos incluir o PE, portanto, na categoria chomskiana de língua pro-drop, ou seja, naquele grupo de línguas que não têm obrigatoriedade de pronome sujeito expresso sendo que ele é facilmente deduzível da morfologia do verbo.

A conjugação verbal do português brasileiro se configura de maneiras diferentes, como demonstra, entre outros, o linguista Marcos Bagno na tabela que segue (Bagno 2012).

Tabela 3 A reconfiguração do paradigma verbal no PB

A		B		C		D	
eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
tu	FALA	tu/você	FALA	tu/você	FALA	tu	FALAS
você		ele/ela		ele/ela		você	FALA
ele/ela		a gente	a gente	a gente	ele/ela		
a gente		nós	nós	nós	a gente		
nós		vocês	FALA(M)	vocês	FALAMO(S)	nós	FALAMOS
vocês		eles/elas		vocês	FALA(M)	vocês	FALAM
eles/elas				eles/elas		eles/elas	

Podemos ver na tabela 3 que o PB também abandonou o ‘vós’ como pronome reto e introduziu o ‘vocês’ como indicador de segunda pessoa plural e o ‘você’. O PB não mantém as formas relacionadas com o ‘vós’ como pronome átono, possessivo ou pronome oblíquo, mas ganha uma nova configuração que utiliza sempre o pronome tônico: ‘para vocês’, ‘de vocês’ e ‘com vocês’.

O PB, tal como o PE, introduziu a forma ‘você’, mas o ‘você’ brasileiro é o indicador de segunda pessoa singular maiormente usado, mesmo mantendo a concordância com a terceira pessoa do verbo no singular, e não é indicador de formalidade.

‘O senhor’ e ‘a senhora’ são utilizadas só em raros casos que requerem formalidade, mas não fazem parte da língua do falante médio do dia a dia.

O ‘tu’, no PB, também é indicador de segunda pessoa, mas na maior parte do Brasil ele é utilizado em concomitância com o ‘você’ e concorda com o verbo na terceira pessoa singular (colunas A, B e C). Em algumas regiões do Norte e do extremo Sul do Brasil, o ‘tu’ concorda com a segunda pessoa do verbo, esta concordância é indicador de

um regionalismo linguístico e não é sintoma de uma fala mais correta ou formal. O 'tu' concordado com a segunda pessoa do verbo existe em todo o Brasil num registro linguístico fortemente monitorado, mas muito raramente na língua oral.

O PB introduziu também o indicador de primeira pessoa plural 'a gente', que sofreu um verdadeiro processo de pronominalização e pode ser considerado, para todos os efeitos, um pronome sujeito, usado até com mais frequência do que 'nós'. 'A gente' sempre concorda com a terceira pessoa singular do verbo, enquanto o 'nós', nos registros linguísticos mais monitorados, requer a concordância com o verbo conjugado na primeira pessoa plural; nas falas rurais e mais estigmatizadas o 'nós' também concorda com o verbo na terceira pessoa do singular.

Na tabela 3, as variedades linguísticas de menor prestígio social são assinaladas na coluna A, chegando ao lado direito até a coluna D, encontramos as variedades urbanas de maior prestígio social. Do ponto de vista morfossintático, *Madagascar* poderia se colocar na coluna C, pois a variedade empregada é muito mais próxima da variedade urbana de prestígio do que da variedade rural desprestigiada.

O traço característico desse registro linguístico é a concordância do 'tu' com a terceira pessoa do verbo, extremamente comum na fala carioca, que caracteriza os dubladores. Mesmo assim, em *Madagascar*, a concordância do 'tu' com a terceira pessoa do verbo não chega a cobrir 30% dos casos, registrando uma utilização massiva da estrutura 'você' + terceira pessoa, no restante 70% dos casos.

Na tabela 3, podemos ver ainda como o PB tem uma tendência a fazer «economia linguística» (Bagno, não publicado), retirando dos verbos todas as marcas morfológicas redundantes. O apagamento das marcas morfológicas, que comunicam importantes informações como número e pessoa, faz com que se torne obrigatória a explicitação do sujeito ou do pronome-sujeito. O português brasileiro está deixando de ser uma língua pro-drop prototípica, como o PE, e, atualmente, é classificado como uma língua pro-drop parcial, já que ainda tem registros da ocorrência do sujeito nulo. O preenchimento com o pronome sujeito, porém, se dá com maior frequência com a primeira e a segunda pessoa singular do verbo, e não tão sistematicamente com as pessoas verbais que poderiam gerar mais confusão por eliminarem a morfologia verbal.

A reorganização do paradigma verbal e a progressiva transformação do português brasileiro de língua pro-drop a pro-drop parcial afasta o PB do PE.

A seguir comentaremos alguns exemplos, retirados das duas versões de *Madagascar*, que exemplificam alguns dos conceitos relativos ao paradigma verbal e à reorganização do quadro pronominal tratados até este momento.

Exemplo 1

PB – Você + terceira pessoa do verbo	PE – Tu + segunda pessoa do verbo
Marty: <u>Você</u> veio ao lugar certo, amigão. Doutor Marty, dentista, tá na área. Pode ir chegando aqui na minha mesa de exame esterilizada, por favor.	Marty: <u>Vieste</u> ao sítio certo, meu amigo. O doutor Marty, dentista, está com a malta. Balança os calcantes e salta para a minha mesa, se fazes favor.

No exemplo 1, o Marty se dirige ao amigo Alex em PE com o ‘tu’ e, em PB, com o ‘você’, ambos indicadores de segunda pessoa. Podemos notar também que o PB explicita o pronome, especificando quem é o destinatário da mensagem; enquanto todas as informações relativas ao destinatário da mensagem do Marty estão incluídas, no PE, nas desinências dos verbos conjugados na segunda pessoa.

Exemplo 2

PB – Tu + terceira pessoa do verbo	PE – Tu + segunda pessoa do verbo
Alex: Puxa... Ai, não faça isso, <u>tu me</u> deixou preocupado!	Alex: Oh, não repitas, <u>tu preocupaste-me</u> a sério!

O exemplo 2 é uma amostra de como a dublagem no PB começa a incluir a variação linguística verbal. O ‘tu’ concorda com o verbo na terceira pessoa, escolha muito comum na fala descontraída dos cariocas. Em *Madagascar* o ‘tu’ + terceira pessoa do verbo recorre em número muito menor do que ‘você’ + terceira pessoa. Esta escolha não reflete de maneira muito fiel a realidade da língua coloquial falada no Rio de Janeiro, que prefere utilizar o ‘tu’ + terceira pessoa na língua coloquial do dia a dia e o ‘você’ + terceira pessoa na fala mais monitorada.

Podemos concluir, portanto, que *Madagascar*, mesmo utilizando um registro linguístico muito coloquial que inclui muita gíria, incorpora só parcialmente, no PB, a variação linguística, deixando de incluir elementos que são, ainda hoje, estigmatizados ou indicadores de um baixo nível de escolarização.

Notamos a propensão oposta no texto em PE, que tende a incorporar mais sistematicamente a variação linguística, realizando escolhas mais inovadoras. Mais especificamente, registramos um uso bastante sistemático do coletivo ‘malta’ como alocação de primeira pessoa plural. Se ‘a gente’, em PB é considerado pronome reto até nos registros linguísticos mais cuidados, ‘malta’ só se encontra no registro linguístico coloquial do PE.

Exemplo 3

PB – Gente + imperativo singular	PE – Malta + imperativo plural
Glória: <u>Gente</u> , <u>para</u> com isso!	Glória: Malta, <u>ouçam</u> , vamos ser civilizados!

No exemplo 3, podemos ver como o PE concorda o substantivo ‘malta’ com o verbo na segunda pessoa plural configurando uma construção típica da oralidade.

Os textos português e brasileiro diferem relativamente a escolhas morfossintáticas também sob o ponto de vista da regência verbal em alguns casos, pois, um verbo utilizado em um contexto linguístico brasileiro vem acompanhado de uma preposição diferente do mesmo verbo inserido no contexto linguístico português.

Uma regência verbal que podemos considerar cristalizada é aquela do ‘temos que’ (PB) e ‘temos de’ (PE). Em 100% dos casos esta estrutura aparece acompanhada do elemento que cada uma das variantes prefere. Mesmo que a expressão ‘temos de’ exista em PB e ‘temos que’ em PE, não registramos, em *Madagascar*, casos em que esta alternância aconteça. Esta diferença de regência verbal, portanto, não constitui uma diferença linguística entre as duas variantes, mas sim constitui uma diferença na frequência de uso do verbo ‘ter’ acompanhado de preposição. Outra regência verbal cristalizada é aquela que permite expressar uma ação simultânea. Se no PB a simultaneidade é expressa pelo gerúndio do verbo, o PE utiliza sistematicamente a perífrase verbal ‘estar a’ + infinitivo.

Outra dupla de preposições que podemos considerar um caso de preferência de regência verbal é o grupo ‘a/para’, acompanhando verbos como ‘pedir’, ‘dizer’, ‘falar’, ‘ir’.

Registramos uma predileção, no PE pela preposição ‘a’, enquanto o PB prefere a preposição ‘para’.

Exemplo 4

PB – Para	PE – A
Melman: Você abusou do poder do pedido de aniversário e trouxe azar <u>para</u> todos nós.	Melman: Tu abusaste do poder do desejo de aniversário e trouxeste azar <u>a</u> todos.
Rei Julien: Os pés! Quê falei? Falei <u>pra</u> todo mundo! Eu não falei dos meus pés!	Rei Juliano: Os pés! Já te disse, já vos disse, já disse <u>a</u> todos! Não lhe falei já dos pés?
Alex: Vamos perguntar <u>para</u> esses tapados onde é que estão os homi.	Alex: E se perguntássemos <u>a</u> estes palhaços onde estão as pessoas?

Encontramos outras diferenças na regência verbal, que não são sistêmicas, diferentemente daquelas analisadas até este momento, sendo registradas só uma vez ao longo de todo o texto:

Exemplo 5

PB	PE
FAZER ALGO COM ALGUÉM	FAZER ALGO A ALGUÉM
Alex: Porque eu tava pensando aqui comigo: como você pode <u>fazer isso com a gente</u> , Marty?	Alex: Porque estava aqui a pensar: como é que foste capaz de <u>fazer-nos isto</u> , Marty?
CAUSAR BOA IMPRESSÃO EM ALGUÉM	CAUSAR BOA IMPRESSÃO A ALGUÉM
Glória: Ok, vamos <u>causar boa impressão nos homem</u> .	Glória: Ok, vamos <u>causar boa impressão às pessoas</u> .
PROCURAR PORALGUÉM	PROCURAR ALGUÉM
Glória: Assim que perceberem o que aconteceu vão voltar <u>procurando por nós</u> .	Glória: Assim que perceberem o que acontece, vêm <u>procurar-nos</u> , não é?
ACONTECER ALGO COM ALGUÉM	ACONTECER ALGO A ALGUÉM
Alex: Não é a melhor coisa que <u>aconteceu com a gente</u> .	Alex: Isto não é a melhor coisa que <u>nos podia acontecer</u> .

Relativamente à reorganização do quadro pronominal nos focalizaremos na análise das funções de objeto direto e indireto.

Em relação ao complemento indireto, identificamos cinco configurações possíveis: a ênclise, a próclise, a interposição do clítico, em alguns casos a interposição com pronome solto e a explicitação do complemento indireto por meio do pronome tônico. Verificamos que na tradução de *Madagascar* o PE prefere a ênclise e utiliza a próclise só nos casos obrigatórios. No caso do PB, além da propensão à próclise, existe uma forte tendência para substituir o pronome átomo pelo pronome tônico; registramos também casos de pronome solto ou de pronome nulo.

Exemplo 6

PB - Próclise	PE - Ênclise
Marty: Natureza? E será que dá pra ir lá? Parece o máximo! Aí, pera aí. Onde é que fica? <u>Me diz onde fica!</u>	Marty: A selva? Pode-se ir para a selva? Parece-me curte! Ei, esperem. Onde é que isso fica? <u>Digam-me onde é!</u>

Uma solução que as duas variantes utilizam bastante é aquela da interposição do clítico quando existem dois verbos, em linha geral, um auxiliar e um verbo principal.

Exemplo 7

PB – Clítico solto	PE – Ênclise
Melman: Eu <u>queria te dar</u> algo profundo.	Melman: <u>Quer</u> ia dar-te uma coisa pessoal.

No PB a interposição do clítico aparece na forma de pronome solto. Isto acontece porque no PB existe uma pausa entre o verbo principal e o verbo auxiliar. A frase do exemplo assinalado acima no PB falado se configuraria como ‘queria | te | dar’, neste sentido, a forma escrita se alinha com as pausas da língua falada e o clítico se apoia idealmente no verbo principal ‘dar’. Sendo assim, o clítico não é percebido como interposto entre o auxiliar e o verbo, mas como anteposto ao verbo principal, por este motivo a forma escrita não recorre ao hífen.

No caso do exemplo 8, no PE é possível perceber fonologicamente que o clítico está ligado ao verbo auxiliar.

Exemplo 8

PB – Pronome nulo	PE – Interposição do clítico
Alex: Você odiou! Eu <u>devia ter dado</u> o despertador do Alex. Esse é legal, vende como banana.	Alex: Detestaste! <u>Devia ter-te dado</u> o despertador Alex. Esse sim, é o que vende mais.

Uma solução que o PB utiliza bastante, tanto para referir o complemento indireto quanto o complemento direto, é aquela do clítico zero, quer dizer, da omissão do clítico. No exemplo 8, podemos notar como o verbo ‘dar’ não é seguido do clítico para indicar as pessoas a quem se destina a ação. Enquanto o PE especifica o destinatário, explicitando-o («devia ter-te dado»), o PB adota uma solução que não identifica o destinatário da ação deixando-o implícito.

No exemplo 9, a frase sofre uma reformulação que permite ao falante da variedade brasileira não utilizar o pronome átono e conseguir desempenhar a mesma função na frase por meio do pronome tônico, muito mais frequentemente utilizado no PB.

Exemplo 9

PB – Explicitação com pronome tônico	PE – Próclise obrigatória
Marty: Relaxa! Isso não é o fim. É um novo começo, Alex! Pode ser a melhor coisa que aconteceu <u>com a gente</u> !	Marty: Oh, vá lá. Isto não é o fim. Isto é um novo começo! Pode ser a melhor coisa que <u>nos</u> podia acontecer.
Alex: Não, não, não... <u>não</u> é a melhor coisa que aconteceu <u>com a gente</u> .	A: Não, não, não, não...! Isto não é a melhor coisa que <u>nos</u> podia acontecer.

Em relação ao complemento direto, identificamos cinco possíveis configurações no PB (próclise ou ênclise do pronome átono, pronome nulo, substituição do pronome átono pelo pronome tônico e interposição com pronome átono solto) e três no PE (próclise, ênclise exclusivamente do pronome átono e um caso de pronome nulo).

Exemplo 10

PB – Pronome tônico + pronome nulo	PE – Ênclise
Alex: Peguei <u>ele</u> ! Peguei <u>ele</u> !	Alex: Apanhei- <u>o</u> , apanhei- <u>o</u> !
Glória: Ele pegou!	Glória: Ele apanhou- <u>o</u> !
Melman: Ele pegou <u>ele</u> , ele pegou <u>ele</u> !	Melman: Ele apanhou- <u>o</u> , ele apanhou- <u>o</u> !

O exemplo 10, é explicativo das preferências de uso das duas variantes do português. Ambas as variantes referem o complemento direto com a correspondente modalidade mais utilizada no registro familiar.

Com os casos de objeto nulo, encontramos, no PB, muitos casos de substituição do clítico pelo pronome reto.

Exemplo 12

PB – Pronome tônico + pronome zero + próclise	PE – Ênclise
Glória: Ah, tadinho. Esse leão malvado assustou <u>você</u> ? Assustou? Ele é um gatinho muito malvado, não é? Vem cá, mamãe <u>te</u> protege, olha só, você é um docinho! Dá vontade de mergulhar <u>ele</u> no meu café!	Glória: Meu bebezinho lindo, aquele leão enorme assustou- <u>te</u> ? É? Foi? Ele é um grande gatinho mau, não é? Vá lá, mamã dá colo. Oh, olha para isto, tu és a coisinha mais querida. Oh, apetece-me molhá- <u>lo</u> no café.

A última configuração que analisaremos é a forma enclítica do objeto direto no PB. O exemplo 13 revela o que antecipamos no começo desta análise: o texto de Madagascar em PB não incorporou totalmente a variação linguística, pois, a construção apresentada não é verossímil num registro coloquial oral do PB.

Exemplo 13

PB – Ênclise	PE – Ênclise
Marty: Pois não, posso ajudá- <u>lo</u> ?	Marty: Sim? Posso ajudá- <u>lo</u> ?

4.2 Diferenças no plano lexical

Madagascar é, prevalentemente, caracterizado por um registro linguístico familiar e apresenta um uso massivo da gíria. No plano lexical as duas traduções são radicalmente diferentes. Como antecipamos na apresentação da metodologia de trabalho, as diferenças entre as duas variantes nacionais do português se polarizam quando o registro linguístico é coloquial.

A distância espacial, temporal, cultural e da história recente entre os dois países faz com que a língua falada coloquialmente em Portugal e no Brasil seja surpreendentemente diferente.

Neste parágrafo mostraremos primeiramente alguns exemplos de diferenças no léxico, analisando também as locuções e as expressões idiomáticas.

Na tabela 4, referimos o léxico utilizado sistematicamente nas duas versões de *Madagascar*. Algumas diferenças procedem da ausência da palavra correspondente na outra variante, outras diferenças derivam de uma preferência de uso, outras ainda dependem de uma diferença semântica de palavras que aparentemente são sinônimas, mas que resulta num uso diferente das mesmas.

Tabela 4 Diferenças lexicais

cara, garoto	man, meu
valeu	obrigado
sacar	checar
gente, galera, pessoal	malta, pessoal
botar	pôr
guria	menina
ganhar	receber
papo	conversa
falar	dizer
escutar	ouvir
pegar	apanhar
brincar	gozar
alô?	estou?
jogar	atirar
entender	perceber
policial	agente
caraca, droga, puxa, pô, nossa	poça
quebrar	partir
achar	encontrar
bobo	tolo
bobagem	disparate
caramba	epá

beleza	ok
jeito	maneira

Entre as diferenças mais interessantes podemos listar os verbos ‘sacar’ e ‘checar’, termos próprios da gíria dos jovens para indicar a ação de olhar, ou reparar. O PB utiliza o verbo ‘sacar’, enquanto o PE utiliza o verbo ‘checar’, do inglês *check*, apesar de ser habitualmente considerado um brasileirismo.

Uma diferença interessante é aquela de ‘xixi’ e ‘chichi’, diferença que só existe no nível gráfico. Os dois itens lexicais são iguais do ponto de vista semântico e fonológico, mas apresentam grafias diferentes em Portugal e no Brasil. O PB aceita só a grafia ‘xixi’ enquanto o PE aceita ambas, com uma preferência pela grafia ‘chichi’.²

Outra diferença linguística que aparece nos dois textos de referência é a expressão usada para atender a uma chamada. O PB utiliza a expressão ‘Alô?’, utilizada também para chamar a atenção de alguém (ex. Melman: «Me tira desse troço! Alôô? Me tira logo desse troço! Alô?»). O PE utiliza, para atender ao telefone, a expressão ‘Estou?’.

A última expressão que nos parece interessante comentar é a portuguesa ‘epá’. Na fala lisboeta é muito comum ouvir a expressão ‘pá’, com uso de interjeição, por vezes precedidas das vogais ‘e’ ou ‘o’, formando as expressões ‘epá’ e ‘opá’. A expressão ‘pá’ tem habitualmente uma função fática, a mesma função que na fala carioca desempenha a expressão ‘pô’. As expressões ‘epá’ e ‘opá’ têm geralmente a função de interjeição de surpresa, sendo, muitas vezes, uma reação a um acontecimento inesperado.

Locuções e expressões idiomáticas se encontram em número elevado no filme *Madagascar*.

Nos exemplos a seguir, apresentaremos algumas locuções e expressões idiomáticas que, mesmo tendo formas diferentes, apresentam um conteúdo semântico parecido em PB e PE.

Exemplo 14

PB; Coé	PE – Vá lá
Marty: Não, não posso contar.	Marty: Nope, não posso contar.
Alex: Tá, <u>coé</u> , conta!	Alex: <u>Vá lá</u> , conta!

No exemplo 14, a expressão ‘coé’ (contração de ‘qual é’ na gíria carioca) e ‘vá lá’, desempenham a mesma função exortativa.

² «Chichi/xixi», *Dúvida Linguística*, <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/5172#.Ug0rJdJwqSr>.

Exemplo 15

PB – Sério/ é sério/ fala sério	PE - A sério
Alex: Há, que dia... rapaz, <u>sério</u> mesmo, eu tô te dizendo, não dá para ficar melhor do que isso. Sabia?	Alex: Ah mas que dia! Quer dizer, é mesmo, a <u>sério</u> , isto é que é qualidade de vida. Melhor não há.
Alex: Não, não, <u>é sério</u> , eu só...	Rei Juliano: Esperem, tenho um plano. Bart: <u>A sério?</u>
Glória: isto não faz sentido. Para onde ele foi?	Alex: Sê espontâneo no que faz. Improvisa, sê bacano... bum bum bum!
Alex: Connecticut.	Marty: <u>A sério?</u>
Glória: <u>Fala sério!</u>	

Outra expressão que PE e PB de alguma forma compartilham é ‘sério’ e todas as múltiplas declinações derivadas (exemplo 15). O PE utiliza a locução ‘a sério’ para expressar surpresa, incredulidade. O PB utiliza as expressões ‘sério’ e ‘é sério’ com a mesma acepção do PE. A locução ‘fala sério’ é utilizada somente em frases afirmativas é usada para negar o que o interlocutor acabou de dizer.

As locuções analisadas nos exemplos 14 e 15 são, de alguma maneira, compartilhadas entre as duas variantes, pelo menos no plano semântico, registrando, todavia, uma divergência no plano formal. Entretanto, a grande maioria das locuções utilizadas em *Madagascar* são diferentes em PE e em PB e não têm uma expressão diretamente correspondente na outra variante, seja no plano semântico ou formal, como na amostra abaixo.³

Tabela 5 Locuções no PB

LOCUÇÃO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Manda ver	Incentivar alguém a fazer algo	Alex: Muda o disco, meu querido, tira esse pijama, não pensa no que pode acontecer não, vai vivendo o momento. Improvisa, manda ver rapaz!
Dar um fora	Recusar algo ou alguém, sair	Capitão: Hoje vamos dar um fora daqui!

³ Para a elaboração das definições foram consultados o dicionário *Priberam*, disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/> e o *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/>.

LOCUÇÃO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Aí	‘Então’, usado como interjeição num discurso ou para pedir a atenção do interlocutor	Alex: E aí, que é que cê pediu?
Pegar leve	Controlar, ficar calmo	Alex: Ô dona, o que é que deu na senhora? Pega leve aí, madame!
Rolar	Acontecer	Marty: Que é que tá rolando? Cê tá legal?
Se liga	Equivalente à expressão ‘presta atenção’	Glória: Para! Se liga! Vamo procurar os homi, fazer um check in no zoo e dar um jeito nessa bagunça!
Rebentar	pode ser sinônimo de ‘bombar’	Marty: Na boa! Esse lugar tá rebentando! Aí, eu podia ficar aqui, eu podia ficar aqui!
Bombar	Fazer sucesso	Rei Julien: Às garotas do mundo todo o Rei Julien original tá na área e tá bombando.
Pisar na bola	Errar, decepcionar alguém, não respeitar o que foi combinado	Alex: Eu não sei como é o sistema aqui, eu não sei como as coisas funcionam aqui, mas obviamente alguém pisou feio na bola o que não tá legal.
Pode crê	Usada em lugar de sim, para reforçar a afirmação, equivalente à expressão ‘com certeza’	Melman: Acho que ele é um esquilo. Rei Julien: Bem-vindos, gigantes bocós! Desfrutem de todo meu esplendor. Alex: Esquilo, pode crê.

Tabela 6 Locuções no PE

LOCUÇÃO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Uma beca	Um pouco	Marty: Ei, tu, de fraque! Espera uma beca. O que é que vocês estão a fazer?
Toca a (+ infinitivo)	Exortar alguém a fazer algo, o mesmo que ‘bora’	Rei Juliano: Acorda, senhor Alex. Acorda, senhor Alex! Bela adormecida... toca a levantar! Senhor Alex!

LOCUÇÃO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Raios partam	Expressão utilizada para desejar mal a alguém ou para maldizer	Alex: Tarado! Esturricaste-a! Fogo! Raios partam vocês todos!
Vai-te catar	Equivalente às expressões ‘para com isso, vai embora’	Marty: iá, a gozar. Claro que estou a gozar, vai-te catar. Como se fôssemos apanhar o comboio!
Borrifar-se	Não ligar nenhuma, não se interessar por algo	Marty: Não me interessa onde estamos. Desde que estejamos juntos eu estou-me a borrfifar!
Tás a ver	Marcador conversacional que visa a solicitar o assentimento com função de intensificar o que foi dito	Alex: Sê espontâneo no que faz. Improvisa, sê bacano. Bum bum bum. Marty: A sério? Alex: Tás a ver, sê yo!
Tá-se bem	Pode significar ‘não há problema’ ou mesmo ‘está ótimo’	Marty: Não te preocupes, tá-se bem. Numa boa, vai já.
lá	Expressão afirmativa, equivalente a ‘sim’	Marty: Ah, bem acho que vou ferrar o olho. Alex: lá, também eu. Preciso de descansar a voz para amanhã.

4.3 Diferenças no plano fonológico

O PE e o PB apresentam diferenças na entonação, no ritmo e na prosódia. Este conjunto de diferenças resulta em uma configuração do plano fonológico muito distante entre as duas variantes. O PE é uma língua com uma tendência a uma redução vocálica muito forte, pelo contrário, o PB tende a não reduzir os sons vocálicos.

As diferenças principais que encontramos em *Madagascar* no plano fonológico são geralmente aquelas que se encontram na língua falada do dia a dia.

As vogais átonas são muito reduzidas em PE como em [nomə], e pouco reduzidas em PB [nomi]. Constatamos a realização diferente das consoantes ‘t’ e ‘d’ antes de ‘i’ ou ‘e’ átona final, que em PE se dá como [t] e [d], enquanto o PB pronuncia [tʃ] e [dʒ]. Uma diferença também muito evidente é a diferente realização da consoante ‘l’ em final de sílaba, no PE permanece o som [l], enquanto no PB é realizado com som semivocálico [w], como, por exemplo, na palavra Brasil.

Além desses fenômenos mais evidentes e de compreensão imediata, existem outros fenômenos fonológicos menos explorados que também estão presentes em *Madagascar*.

O PB, em linha geral, tem a tendência a adaptar as palavras estrangeiras ao som do português, introduzindo uma vogal eprotética, epentética ou epitética, enquanto o PE tende a manter a pronúncia da língua original, como no exemplo 17.

Exemplo 16

PB	PE
Capitão: Quadruped[dʒi], [e]sprechen sie Portugese?	Capitão: Quadruped[ə], sprechen sie Portuguesisch?

Um fenômeno fonológico extremamente frequente em *Madagascar* PB é a aférese, que consiste em não pronunciar as primeiras letras da palavra. A aférese é fenômeno fonológico muito típico não só da fala não monitorada do PB, mas também das falas urbanas de prestígio em contextos menos monitorados.

Registramos também um fenômeno exclusivo do PE, típico da fala espontânea dos jovens lisboetas, isto é, a substituição da vogal 'e' com o 'a' no adjetivo 'grande', como intensificador de significado e elemento de inclusão num determinado grupo social. Encontramos este fenômeno no texto de referência na fala do Marty, provavelmente a personagem com a atitude mais descontraída entre aquelas da versão lusitana, que diz: «Isto parece uma grand[a] rave!».

O último fenômeno fonológico que queremos assinalar é um fenômeno de desnasalização que se dá na fala espontânea do português brasileiro. No texto analisado aparece muitas vezes a palavra 'homem'. De fato, nenhuma personagem pronuncia o som nasal da palavra, mas todas elas pronunciam simplesmente 'homi', seja para o plural, seja para o singular.

4.4 Localização: entre a escolha do tradutor e as diferenças culturais

O que nos interessa nesta análise são os elementos culturais inseridos em *Madagascar* que se refletiram em escolhas linguísticas diferentes feitas pelos tradutores. Todos os elementos inseridos nos textos que pertencem às culturas de chegada, a brasileira e a portuguesa, respondem a diferentes estratégias de localização do texto.

Os dois tradutores adotaram métodos ligeiramente diferentes de localização do texto: o primeiro escolheu adotar um tipo de localização prevalentemente linguística, adaptando os nomes das personagens à língua portuguesa e fazendo uma referência explícita a Portugal; o tradutor brasileiro aplicou uma estratégia de localização mais cultural, deixando inalterados os nomes das personagens na língua

original, mas incluindo elementos da cultura brasileira no discurso das personagens. Em relação aos topônimos, em ambas as versões são utilizadas estratégias de localização, que permitem tornar o texto mais familiar para a cultura de chegada do texto. De qualquer forma, as escolhas do tradutor brasileiro parecem ficar mais aderentes ao texto de partida, enquanto no texto português a localização dos topônimos é mais massiva.

Exemplo 17

EUA	PT	BR
Gloria: Well I hear they have wide open spaces in Connecticut.	Miami	Connecticut
Melman: You have to take the Metro-North train... North?	Comboio para o sul	Trem do norte
Melman: Here we are. Where exactly is 'here'?... San Diego.	San Diego	Califórnia
Melman: Canada, can we? Cheap meds.	Portugal	Cuba

Existem outros elementos que passaram pelo processo de localização que estão mais ligados à cultura dos dois países-alvo do que à pessoal escolha do profissional. Um deles é a referência, no texto brasileiro, à árvore e ao fruto da banana.

Exemplo 18

PB	PE
Alex: Eu devia ter dado o despertador do Alex. Esse é legal, <u>vende como banana</u> .	Alex: devia ter-te dado o despertador Alex. Esse sim, é o que vende mais.
Alex: Natureza tipo morando numa cabana de palha e limpando o traseiro com <u>folha de bananeira</u> ?	Alex: Quer dizer a selva tipo tás te a marimbar limpas-te a primeira folha que calhar tás a apanhar?

A localização cultural na versão brasileira evidencia-se com o uso de outra expressão que está intimamente ligada à cultura brasileira, neste caso, no âmbito musical. O Rei Julien cita a célebre música *Garota de Ipanema* quando descreve a paisagem de Madagascar como «coisa linda cheia de graça».

Uma pequena diferença nos dois textos que revela uma diferença cultural muito grande é a relativa ao sistema de saúde.

Exemplo 19

EUA	PB	PE
Melman: No other zoo could afford my medical care and I am not going HMO.	Nenhum outro zoológico pode pagar meu plano de saúde. Eu não vou para um <u>hospital público</u> , tá bom?	Os outros jardins zoológicos não podem suportar as minhas despesas médicas e eu não me submeto à <u>homeopatia</u> .

Na versão americana, o Melman, uma personagem cuja característica principal é o fato de ser hipocondríaco, afirma que não pode ser transferido para outro zoológico porque não poderia manter o padrão de vida que ele tem.

Na tradução era suposto o profissional conseguir estabelecer uma equivalência entre o padrão de vida que o zoo de Nova York pode oferecer, em matéria de dinheiro investido na saúde, e a impossibilidade de uma nova estrutura conseguir alcançar este padrão. O tradutor português, possivelmente, encontrou um obstáculo na tradução deste trecho, e teve que substituir a estrutura original com outra estrutura que pudesse de alguma forma sugerir passar de um sistema de cura de um certo tipo para outro. Na versão portuguesa o tradutor conseguiu alcançar o efeito nos leitores, pois o Melman diz que ele se recusa a se submeter à homeopatia, que alguns consideram um método de cura menos eficaz do que a medicina tradicional.

O tradutor brasileiro não encontrou o mesmo obstáculo, pois o sistema de saúde brasileiro é mais parecido com o sistema de saúde estado-unidense. A saúde pública, no Brasil, é considerada de nível muito baixo. Qualquer cidadão de classe média, a que hipoteticamente pertence também o Melman, tem um seguro de saúde que lhe permite o acesso aos serviços oferecidos pelo sistema de saúde particular. O tradutor brasileiro conseguiu manter o paralelo feito no texto original, porque os seus espectadores entendem, perfeitamente, a diferença entre saúde pública e particular.

5 Conclusões

O nosso estudo foi feito tendo sempre presente que o tipo de língua com que trabalhamos é a fala filmica, que, portanto, reproduzindo situações comunicativas e interacionais de diversos tipos, simula a fala espontânea de maneira verossímil.

Aproximamo-nos do texto, portanto, tendo consciência do fato que toda escolha linguística e tradutória foi avaliada racionalmente pelo profissional da tradução, que, por um lado, teve que lidar com o tex-

to de partida, por outro, com a língua real falada espontaneamente na variedade diamésica correspondente e, por fim, também com a expectativa linguística do destinatário que é, em primeiro lugar, o adulto, que julga se o conteúdo linguístico e cultural do filme é adequado ou não à educação da criança. Ao mesmo tempo, sabemos que, durante a gravação dos diálogos, os atores intervêm fazendo algumas mudanças no texto escrito e que, portanto, nem tudo o que foi analisado aqui foi somente reprodução de um texto escrito planejado, mas admitimos uma porcentagem incalculável de improvisação.

Da análise morfossintática, entendemos que ambas as variantes do português apresentam algumas alterações no uso, em comparação com o paradigma estabelecido na gramática normativa. O PB também introduziu bastantes inovações do ponto de vista da reconfiguração do paradigma verbal, mas nem todas aquelas registradas pela gramática descritiva estão presentes em *Madagascar*.

As personagens do filme utilizam, a nível lexical, uma variedade linguística coloquial pouco monitorada, típica da gíria juvenil. As escolhas lexicais nem sempre se revelam coerentes com as escolhas morfossintáticas, que, no caso do PB, revela traços conservadores e, em alguns casos, utiliza estruturas típicas de uma fala muito monitorada.

Ainda no âmbito das diferenças morfossintáticas, registramos muitos casos de diferenças na regência verbal e no uso dos indicadores de pessoa que revelam hábitos linguísticos diferentes.

No plano lexical, englobando também diferenças nas locuções e nas expressões idiomáticas, observamos as diferenças linguísticas maiores, pois cada variante desenvolveu métodos e estratégias comunicativas diferentes.

Do ponto de vista fonológico, o PB e o PE têm uma entonação, um ritmo e uma prosódia muito diferentes. A fonologia das duas variantes é um âmbito de estudo muito articulado, portanto, nos limitamos a evidenciar alguns fenômenos interessantes que estão presentes em *Madagascar* e que contribuem para a atribuição de uma musicalidade diferente à versão europeia e à versão brasileira.

Na última seção, abordamos as diferenças culturais que se revelaram em diferentes escolhas de localização do texto por parte dos tradutores e concluímos que, muitas vezes, a alteração de um detalhe do ponto de vista linguístico é ditada por profundas diferenças no plano cultural.

Existe uma grande diferença na coerência relativa às escolhas linguísticas nas duas traduções analisadas. Podemos dizer que o PE faz uma amostra mais verossímil da língua falada na área de Lisboa. O registro linguístico utilizado é informal, e registra um abundante uso da gíria características dos jovens lisboetas. Do ponto de vista morfossintático, existem algumas escolhas que mostram a incorporação da variação linguística mais inovadora.

A tradução para o PB é, em muitos casos, contraditória. Do ponto de vista lexical, a língua é coerente com a variante coloquial carioca e, em alguns casos, incorpora elementos muito inovadores típicos da fala juvenil.

Existe uma ambiguidade no plano morfossintático já que, por um lado, algumas escolhas são coerentes com o registro coloquial utilizado e conservam a espontaneidade que caracteriza as personagens. Por outro lado, outras escolhas morfossintáticas excluem a variação linguística e, por consequência, revelam-se muito conservadoras.

Em conclusão, as diferenças que encontramos em *Madagascar* entre a variedade brasileira e a variedade portuguesa foram muitas e interessaram todos os planos. As diferenças do ponto de vista comunicativo são radicais, mas também é verdade que o registro linguístico que investigamos, o registro oral não monitorado, é aquele em que o leque de possibilidades linguísticas de realização de um ato comunicativo é maior.

Referências bibliográficas

- Bagno, M. (2009). «Lusofonia ou ilusofonia?». *Caros Amigos*. <https://brasiliano.wordpress.com/2009/12/26/lusofonia-ou-ilusofonia/>.
- Bagno, M. (2012). *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Bagno, M. (não publicado). «Português Brasileiro: que língua é essa?». Palestra na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 13 de Abril de 2016.
- Faraco, C.A. (2016). *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Galassi, G. (2000). «Fottiti amico». Taylor, C. (a cura di), *Tradurre il cinema = Atti del Convegno organizzato da G. Soria e C. Taylor* (Trieste, 29-30 novembre 1996). Trieste: Dipartimento di scienze del linguaggio, dell'interpretazione e della traduzione, 3-8. <http://hdl.handle.net/10077/9209>.
- Matkivsta, N. (2014). «Audiovisual Translation: Conception, Types, Characters' Speech and Translation Strategies Applied». *Kalbu Studijos. Studies about Languages*, 25, 38-44.
- Oittinen, R. (2000). *Translating for Children*. New York: Garland Publishing.
- Paolinelli, M.; Di Fortunato, E. (2016). *Tradurre per il doppiaggio. La trasposizione linguistica dell'audiovisivo: teoria e pratica di un'arte imperfetta*. Milano: Hoepli.
- Perego, E. (2005). *La traduzione audiovisiva*. Roma: Carocci.
- Tveit, J.-E. (2009). «Dubbing versus Subtitling. Old Battleground Revisited». Diaz-Cintas, Jorge; Anderman, Gunilla M. (eds), *Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 85-96.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London: Routledge.

Materiais audiovisuais

Madagascar, dirigido por E. Darnell e T. McGrath, Dreamworks Animaion LLC;
versão brasileira por: Sony DADC Brasil, Manaus, 2005, DVD.

Madagáscar, dirigido por E. Darnell e T. McGrath, Dreamworks Animaion LLC;
versão portuguesa por: Pris Audiovisuais, Santa Maria da Feira, 2005, DVD.

